

Coração na aldeia, pés no mundo

Entrevista com Auritha Tabajara

*Eliane Cristina Testa**

Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP – 2015), Mestrado em Letras pela (UEL/PR – 2002). É professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da Universidade Federal do Norte do Tocantins/UFNT, Câmpus de Araguaína.



<https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

*Soraima Moreira Alves Ferreira***

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFNT-TO), Câmpus Araguaína. Graduada em Letras Espanhol e Respectivas Literaturas na Universidade Estadual do Piauí (UESP – 2006), Especialista em Didática Universitária pela Faculdade Atenas Maranhense de Imperatriz (FAMA – 2011). Docente do Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão e do Curso de Letras da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS).



<https://orcid.org/0000-0001-6282-242X>

Recebido em: 07 mai. 2021. **Aprovado** em: 07 jun. 2021.

Como citar esta entrevista:

TESTA, Eliane Cristina; FERREIRA, Soraima Moreira Alves. CORAÇÃO NA ALDEIA, PÉS NO MUNDO Entrevista com Auritha Tabajara. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 279-283, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10065319>

Francisca Aurilene Gomes Silva (Auritha Tabajara) nasceu em 15 de novembro de 1979 na aldeia Tabajara, no topo da Serra Ibiapaba (a oeste do Estado do Ceará, na região de Poranga divisa entre o Piauí e o Ceará). Filha de Gonçala Gomes da Silva e Antônio Conceição de Sousa, foi a primogênita da família. Sua avó materna, Francisca Gomes de Matos (1930), conselheira, rezadeira, parteira e contadora de histórias, é sua grande inspiração. Com Dona Francisca, sua mãe-vó, como Tabajara a chama carinhosamente, aprendeu sobre as ervas

*



poetisalia@gmail.com

**



soraimamoreira@gmail.com

medicinais e a contar histórias. Foi com a mãe-vó que Tabajara, também, foi batizada com o seu nome ancestral: Auritha, porque chorou na barriga de sua mãe.

Tabajara saiu de casa aos treze anos de idade e foi para Fortaleza (CE) em busca de uma vida melhor, mas a vida lhe foi muito dura na cidade grande. Voltou aos dezessete anos para sua aldeia, local em que se casou, teve quatro filhos; desses, dois morreram e uma filha desapareceu. Porém, Tabajara não desistiu, não desanimou, e encontrou na literatura e na contação de histórias sua pedra angular, seu caminho a levou para a sua “cura pela arte”. Ela acreditava (e ainda acredita) que a mulher indígena precisa do seu espaço na sociedade, precisa ter voz e visibilidade. Com o fim do casamento, foi para São Paulo capital, visto que queria dizer e mostrar ao mundo que a mulher indígena também pode se virar sozinha na cidade grande, ser capaz de aprender, ensinar e se inserir na sociedade como um todo, e ir para a universidade, trabalhar, conhecer outras culturas etc., sem deixar suas raízes, sem deixar de ser indígena. Depois, poder voltar para a aldeia a fim de ensinar e contribuir com o seu povo.

Tabajara, mulher indígena, nordestina, cearense, escritora cordelista, contadora de histórias, terapeuta holística com aprofundamento em ervas medicinais, desponta na literatura como a primeira escritora cordelista indígena brasileira. É apaixonada pela escrita, desde os seis anos de idade, quando aprendeu a ler. Sua primeira obra de literatura intitula-se o *Magistério Indígena em Verso e Prosa* (SEDUC/CE, 2007), que foi lançado, editado e adotado pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará, como leitura obrigatória nas escolas. Também escreveu: *Toda luta história do povo Tabajara* (2008), *Diário de Auritha* (2009), *Coração na aldeia pés no mundo* (UK'A editorial/SP, 2018), *A sagrada pedra encantada* (2019), *A grandeza Tabajara* (2019) e *A lenda de Jurecê* (2020). Tem vários textos e poemas publicados em antologias de literatura indígena, e alguns de seus cordéis foram publicados em revistas literárias, a exemplo da revista *Acrobata* (Teresina/PI), que agora oferece acesso *online*. Tem trabalhos publicados em diferentes espaços na *web* e fora dela. Participou de vários congressos nacionais e internacionais, bem como do “Projeto Circuitos dos Saberes Indígenas”, promovido por Itaú Cultural/SP, no ano de 2020.

O cordel é uma das paixões de Tabajara. Nessa perspectiva amorosa, é que ela escreve seus cordéis, marcando sensivelmente seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017)¹. Além disso, sua produção literária ajuda também a desmitificar estereótipos negativos sobre os indígenas e a fortalecer a produção de autoras indígenas mulheres. Ademais, a escritora contribui com o

¹ RIBEIRO, Djamilá. O que é lugar de fala? Belo Horizonte-MG: Letramento Justificando, 2017.

mundo literário, em especial, com a literatura indígena ou “nativa” (para usarmos o termo de Olívio Jekupé)², trazendo uma voz potente e poética na poesia, com seu ritmo de palavras que soam aos corações de leitoras e leitores.

Entrevistadoras: Auritha Tabajara, você poderia nos contar um pouco da sua infância? Quando e onde nasceu? Há algum fato que tenha marcado sua infância?

Entrevistada: Minha infância foi ouvindo muitas histórias da minha avó; a minha primeira cartilha foi aprender as coisas da vida através da oralidade; brincava livremente no rio com outras crianças, não tinha maldade entre a gente, corria livremente dentro da mata. Só não tinha escola perto e eu tinha muita vontade de estudar, fui alfabetizada em casa através da rima. Fui para a escola convencional aos nove anos e foi lá que sofri preconceitos por não compreender a maldade dos não indígenas. A minha infância foi maravilhosa.

Entrevistadoras: Auritha, seu nome de registro civil é Francisca Aurilene Gomes Silva. Por que escolheu usar o nome artístico Auritha Tabajara?

Entrevistada: Auritha Tabajara é o meu nome ancestral, por ter chorado na barriga da minha mãe; fui chamada assim pela primeira vez por minha avó, parteira, benzedeira, marinheira e contadora de histórias. Auritha Tabajara significa pedra de luz e é essa luz que quero ser por onde eu passar e dentro da escrita dos meus textos.

Entrevistadoras: Auritha, poderia nos contar um pouco do seu percurso como escritora? De onde veio esse interesse, em especial, pelo cordel? E o que o cordel representa para você?

Entrevistada: Os meus primeiros rascunhos da minha história escrevi aos nove anos, tinha muita vontade de escrever as histórias contadas por minha avó, a começar pela minha própria história. Fiz em rima porque meu avô era vaqueiro e repentista, e as rimas me chamavam muito a atenção. O cordel hoje é o meu grito de resistência, eu declamo as minhas dores, angústia, mas também as dores e angústias de muitas mulheres indígenas que foram e ainda são silenciadas.

Entrevistadoras: Que poetas-cordelistas são fontes de “inspiração” para você?

² Nos baseamos no ensaio indígena “Literatura Nativa”, de Olívio Jekupé. In: DORRICO, Julie et al. **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

Entrevistada: Minha maior fonte de inspiração é minha avó; até um tempo atrás minha maior angústia era não ler cordel escrito por mulheres, ao longo do tempo fui descobrindo as cordelistas que vão surgindo e entendendo que a mulher sempre esteve presente no cordel, mas de uma forma estereotipada e romantizada; e hoje tenho lido várias mulheres cordelistas de variadas regiões do país. Todavia, até agora sou a única indígena cordelista no Brasil, espero que seja somente por enquanto.

Entrevistadoras: Seu primeiro livro é o *Magistério indígena em versos e poesia* (2007), que foi editado, publicado e adotado pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Como surgiu a ideia de escrevê-lo? O que significa ter trazido à luz essa obra?

Entrevistada: Em 2003 quando se iniciou o primeiro magistério indígena aqui no Ceará, eu fazia todos os relatórios em cordel todos os dias, e no final do magistério a SEDUC achou interessante, editou e publicou. Em qualquer lugar que eu esteja desde sempre foi assim, levo a rima dando meu recado de uma forma séria e divertida.

Entrevistadoras: Como escritora indígena, que perspectivas você tem da literatura indígena no Brasil?

Entrevistada: A literatura escrita por indígena é um passo muito grande, oportunidades para o Brasil conhecer as nossas verdadeiras histórias; ainda é muito difícil publicar, mas não é impossível, tenho certeza que, daqui a alguns anos, haverá muitas escritoras indígenas e escritores, pois que essa literatura precisa chegar até as escolas públicas.

Entrevistadoras: Atualmente, muitos escritores/escritoras têm usado as redes sociais para divulgar e/ou compartilhar seus trabalhos, suas produções artísticas, fatos de suas vidas etc. Você poderia nos dizer como vê (ou enxerga) as redes (as mídias) sociais?

Entrevistada: As redes sociais são uma porta muito aberta, muito aberta no sentido de que servem para o mal e para o bem. Lá podemos divulgar nossos trabalhos, mas também há o perigo de sermos atacadas, como acontece frequentemente com muitos parentes indígenas. A mídia pode ser aliada aquilo que lhe convém para o momento. Através das redes, eu graças a pai tupã não tenho o que reclamar, só a agradecer pelo reconhecimento do meu trabalho.

Entrevistadoras: O seu livro *Coração na Aldeia, pés no mundo* (UK'A editorial/SP, 2018) é um cordel que toca em questões de identidade, de pertencimento, de raízes/família, de tradições, de territorialidade/aldeamento, só para citar alguns aspectos que circundam a obra. O que você acha da autobiografia (ou da auto-história), para exprimir essas questões? Como foi escolher o título desse livro?

Entrevistada: Em *Coração na aldeia pés no mundo* eu escrevi suas primeiras estrofes aos nove anos, era um sonho escrever e publicar minha história para que outras mulheres despertassem o interesse e a coragem de escrever também. Como falei anteriormente, eu uso a minha voz para declamar as dores de outras mulheres e ao mesmo tempo como um convite para que elas não sejam mais silenciadas, muitas vozes ecoando é difícil de calar, porque voz nós já temos o que precisamos é ser escutadas.

Entrevistadoras: Auritha, sabemos que a literatura indígena ou nativa é riquíssima, mas ainda é pouco lida ou estudada nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, no Brasil. O que você pensa da relação literatura indígena/nativa e ensino?

Entrevistada: Penso que precisamos de políticas públicas para que essa literatura chegue até as escolas. Muitas comunidades têm seus talentos, mas não têm como publicar. Atualmente somos mais de 40 escritores e escritoras indígenas no Brasil, mas o interesse vejo mais por partes de alguns professores e não da escola.

Entrevistadoras: E, para finalizarmos esta entrevista, você poderia nos contar se há algum novo projeto e/ou algum livro em andamento?

Entrevistada: Tenho vários projetos em andamento, um deles é o filme que será lançado este ano de 2021, sobre o livro *O menino Jurerê*, entre outros que ainda não posso divulgar, mas fiquem atentos às minhas redes sociais, por lá irei divulgar tudo. Foi um prazer compartilhar um pouco da minha trajetória. Gratidão!

Auritha, agradecemos imensamente pela entrevista!